

JON FOSSE

o eu é um outro
septologia III-V



cavalo de ferro

Je est un autre.
Arthur Rimbaud

E vejo-me de pé a olhar para a pintura com as duas linhas, uma roxa e outra castanha, que se cruzam a meio e penso que a sala está muito fria e que é demasiado cedo para estar levantado, independentemente da hora que seja, então porque me levantei? penso eu, e apago a luz da sala, volto a entrar no quarto, apago a luz, estendo-me novamente na cama e aconchego bem o edredão à minha volta, o *Brage* aninha-se junto a mim e eu penso que esta noite já consegui dormir um pouco, se bem que não muito, hoje é quarta-feira e deve ser manhã cedo, ou talvez seja ainda de noite? penso eu, e estava tanto frio na sala que eu não quis ficar levantado, penso eu, passando a mão pelo lombo do *Brage*, e então olho na escuridão e vejo o Asle sentado no baloiço no pátio de sua casa mas sem baloiçar, está simplesmente ali sentado a pensar no que há-de inventar para se entreter? depois baloiça devagar e com cautela para a frente e para trás e nisto a Mãe aparece no vestíbulo e está zangada, mas o Asle não percebe porque é que ela está tão zangada

Vem cá, diz ela

O que é? diz ele

Vem, diz a Mãe

Está bem, diz o Asle

e descendo do baloiço aproxima-se da Mãe que está ali parada no vestíbulo a olhá-lo bem de frente, enquanto ele sobe a escada

Sim, diz ele

Ora bem, já aqui estás, diz ela

e ele não percebe porque é que a voz da Mãe soa tão zangada, o que se passa com ela? o que fez ele desta vez para que ela ficasse tão zangada com ele? pensa ele

Olha, diz a Mãe

e abre a mão e o Asle vê três moedas de uma coroa na palma da mão da Mãe que está ali parada de mão estendida com as três moedas de uma coroa e sem dizer nada e o Asle pensa como é que a Mãe foi dar com as três coroas? e ele que tinha pensado escondê-las prudentemente num lugar seguro, sim, tinha pensado escondê-las debaixo de uma das lajes no pátio e acabou por se esquecer, sim, passou-lhe por completo e agora ali está a Mãe em frente dele com as três moedas de uma coroa na mão, e como é que ela foi dar com elas? pensa o Asle, e depois pensa que ela obviamente as encontrou no bolso das calças dele, pois ele tinha-se esquecido de as tirar do bolso e de as esconder

Onde é que foste arranjar estas moedas? diz a Mãe

e o Asle pensa que não lhe pode dizer que as recebeu do Careca, que este lhas deu quando o Asle estava sentado com ele no carro, e a razão por que lhas deu não pode ele contar de modo algum

Então, responde, diz a Mãe

e o Asle pensa que não pode contar a verdade, que as recebeu do Careca, e por isso ele não pode contar a ninguém que tinha ido com o Careca dar uma volta de carro, e que o Careca tinha posto uma mão sobre a coxa dele e que ele tinha retirado a mão dele, e que o Careca tinha feito isso pelo menos duas vezes, pensa ele

Onde é que arranjaste estas moedas de uma coroa? diz a Mãe

Então, responde já, diz ela

Não fiques p'ra aí especado, diz ela

e depois agarra-o pelo ombro, sacode-o e diz-lhe quase aos gritos que ele deve responder-lhe quando ela fala com ele

Responde, diz a Mãe

e ele só tem de dizer qualquer coisa, pensa o Asle

Encontrei-as, diz ele

Encontraste-as? diz a Mãe
 Onde as encontraste? diz ela
 Vamos, responde, diz onde as achaste, diz ela
 e o Asle limita-se a ficar ali parado e a Mãe larga-lhe o ombro
 Na estrada, diz ele
 Com que então na estrada, diz a Mãe
 Sim, na estrada, diz o Asle
 Onde exactamente? diz ela
 No exterior da Padaria, diz ele
 Encontraste-as no exterior da Padaria? diz a Mãe
 e pergunta-lhe se ele julga que ela acredita que ele as encontrou
 no exterior da Padaria
 Tu roubaste as moedas, diz a Mãe
 Eu não roubei coisa nenhuma, diz o Asle
 Ai isso é que roubaste, diz ela
 Não, diz ele
 Oh! sim, diz ela
 e a Mãe diz-lhe que foi ver no seu porta-moedas, pois tinha lá
 algumas moedas de uma coroa, bem, ela não tem assim tanto dinheiro,
 mas algumas moedas de uma coroa tinha lá, só não se lembra quantas
 eram, mas eram algumas e tanto quanto sabe ele surripiou-lhe moedas
 de uma coroa, diz ela, mas não tem a certeza disso, pois agora estavam
 cinco moedas de uma coroa no porta-moedas, mas se tinha lá mais,
 bem, disso não se lembra ela com exactidão, mas podia muito bem
 ser que tivesse lá oito em vez de cinco
 Surripiaste as minhas coroas? diz a Mãe
 e o Asle afirma que não roubou as coroas, encontrou-as, como
 já disse, no exterior da Padaria, diz ele
 Tu és um mentiroso, diz a Mãe
 Eu não estou a mentir, diz o Asle
 e assim permanecem os dois ali de pé e nenhum deles diz o que
 quer que seja, depois a Mãe diz que ia lavar as calças dele e que cos-
 tuma sempre vasculhar-lhe os bolsos para ver se encontra alguma

coisa, e encontra sempre qualquer coisa, pedras, pinhas, pregos, berlindes, pedaços de corda, bem, ela já perdeu a conta a tudo o que lá encontrou, mas nunca, nunca lá encontrou três moedas de uma coroa novas e brilhantes, e não percebe como é que o Asle as arranjou, mas honestamente não podia ter sido

Eu encontrei-as, diz ele

Sim, isso disseste tu, diz a Mãe

e deixam-se ficar ali simplesmente e então vêm o Pai a dobrar a esquina da Casa Velha onde moram a Avó e o Avô, e a Mãe exclama em voz alta para o Pai que foi bom ele ter chegado e o Pai vem caminhando calmamente ao encontro deles

O que se passa? diz ele

e olha para a Mãe

Bem, diz ela

Tu não estás com ar de que está tudo bem, diz o Pai

Não, diz a Mãe

e faz-se silêncio por um momento

Mas diz lá então o que se passa, diz o Pai

Olha, diz a Mãe

e estende a mão com as três moedas de uma coroa

Sim, são três moedas de uma coroa, diz o Pai

Pois, exactamente, diz a Mãe

Então e isso é alguma razão para te irritares deste modo? diz ele

Mas, diz a Mãe

e interrompe-se

Mas, diz o Pai

Mas eu encontrei-as no bolso das calças dele, diz a Mãe

e olha para o Asle e o Pai não diz nada e deixam-se ficar ali simplesmente

Onde as arranjaste? diz o Pai

e o Asle diz que encontrou as moedas de uma coroa

Ele diz que as encontrou no exterior da Padaria, diz a Mãe

Sim, pode bem ter sido, diz o Pai

Acreditas nisso? diz a Mãe

e o Pai não diz nada

Pois vê na tua bolsa do dinheiro se falta lá alguma coisa, diz a Mãe e o Pai puxa da sua bolsa do dinheiro, olha lá para dentro e diz que não se lembra exactamente de quantas moedas de uma coroa lá tinha, por isso não pode saber ao certo se alguém lhe tirou algumas moedas da bolsa, mas e porque havia de ter sido o Asle a fazê-lo? ele não costuma roubar, pois não? diz o Pai, olhando para o Asle

Eu não roubo, diz o Asle

Eu nunca roubei, diz ele

Pois não, diz o Pai

e depois o Pai diz que ele bem pode ter encontrado as moedas no exterior da Padaria, mas então foi alguém que as perdeu e que talvez dê pela sua falta, diz o Pai, e talvez se lembre de que pode ter perdido o dinheiro no exterior da Padaria, depois de ter comprado pão, ou talvez pense que as deixou esquecidas em cima do balcão após ter pagado com uma moeda de cinco coroas e ter recebido as três coroas de troco, sim, e talvez volte a ir falar com o Padeiro ou com a Padeira a perguntar se deixou esquecidas as moedas ou se as perdeu no exterior da Padaria e pense que talvez o Padeiro ou a Padeira as possa ter encontrado, diz o Pai, e acrescenta que o melhor é o Asle ir falar com o Padeiro e a Padeira e entregar-lhes as moedas de uma coroa, para o caso de alguém as ter perdido e perguntar por elas, diz o Pai, e a Mãe diz que tinha a certeza de que o Asle tinha roubado as moedas e o Pai diz que afinal isso não é assim tão certo, ou é? diz ele

Foi bom ouvir isso, diz a Mãe

É bom que penses assim, diz ela

e olha para o Asle e diz-lhe que se ele realmente encontrou as moedas de uma coroa então ela tem de pedir-lhe desculpa, pois não lhe ocorreu outra coisa senão que ele as havia roubado, mas afinal ele pode tê-las encontrado e ela não pensou nessa possibilidade, diz ela

Tu podes bem ter encontrado as moedas, sim, diz a Mãe

E nesse caso tenho de pedir-te desculpa, diz ela

Eu não devia ter-te acusado de teres roubado, de seres ladrão, diz ela

e o Pai diz que agora já não se fala mais no assunto e tu, Asle, vais à Padaria e entregas as moedas a quem vier atender quando tocares à campainha, ao Padeiro ou à Padeira, e dizes que as encontraste no exterior da Padaria, assim tal qual, e se ninguém apareceu a perguntar ao Padeiro ou à Padeira pelo dinheiro então poderás ficar com elas, não? diz o Pai

E nesse caso és deveras sortudo por teres encontrado três moedas de uma coroa, diz ele

Sim, pode-se dizer isso, diz a Mãe

Vou já a correr, diz o Asle

e desata a correr pela descida do caminho da quinta e percorre a estrada municipal em direcção à Padaria, transpõe a porta da rua, dirige-se ao balcão e pega na sineta que ali está, agita-a e o som faz-se ouvir e aparece o Padeiro, que permanece por trás do balcão, e o Asle diz que encontrou aquelas três moedas de uma coroa no exterior da Padaria, e agora sim, agora ele está realmente a mentir, e isso é mau e ele sente vergonha, pensa o Asle, e quase gagueja e o Padeiro olha para ele e ele diz sim, claro, diz ele

Sim, claro, diz o Padeiro

e olha para o Asle

Se encontraste as coroas, pois então encontraste-as, tiveste sorte, Asle, diz o Padeiro

Mas talvez alguém as tenha perdido, tenha comprado pão e depois as tenha perdido? diz o Asle

Eu não dei três moedas de uma coroa a ninguém, pelo menos tanto quanto me lembro, diz o Padeiro

Fica tu com elas, Asle, diz ele

Tu encontraste as moedas de uma coroa e o dinheiro é teu, diz ele e o Asle olha para o Padeiro

Estou a falar a sério, diz ele

e embora o Padeiro tresande a aguardente e se mantenha de pé apoiando-se contra o balcão, ele pode bem ter razão naquilo que diz, pensa o Asle

Asle, tu és um sortudo por teres encontrado três moedas de uma coroa, diz o Padeiro

E também és honesto, visto queres devolvê-las, diz ele, e o Padeiro diz que ainda tem um *skolebolle*, um bolo recheado com creme de ovos e baunilha, polvilhado com açúcar em pó e coco ralado, o único que sobejou dos que ele tinha feito, e uma vez que está quase na hora de encerrar a loja, sim, ele até já devia ter fechado, então vai oferecê-lo ao Asle, visto ele ser um rapaz tão honesto e decente, diz o Padeiro, pegando no *skolebolle*, o único que sobrou, embrulha-o em papel pardo e entrega-o a Asle e este pensa que tudo aquilo está totalmente errado, então ele está ali a mentir e ainda por cima lhe oferecem um bolo, e ainda bem que ele nunca gostou de *skolebolle* com creme de baunilha, açúcar em pó e coco ralado em cima, é absolutamente repugnante, sim, aquele asqueroso açúcar em pó ou lá como se chama, e aquele coco ralado, parece que se chama assim, mas a Irmã, essa gosta de *skolebolle*, então ele pode oferecer-lho e ela irá ficar deveras contente com o bolo, pensa o Asle

Obrigado, muito obrigado, diz ele

e o Padeiro estende o bolo a Asle, que fica parado um breve momento a olhar para o Padeiro, este leva uma caneca de café à boca e sorve um gole e depois diz que hoje, Asle, hoje foste realmente um sortudo por teres encontrado três moedas de uma coroa, não foi nada mau, não, senhor, diz ele

E por ter ainda recebido um *skolebolle*, diz o Asle

Sim, bem, e com isto está tudo dito, diz o Padeiro

e desaparece pela porta atrás de si, e o Asle sabe que a porta dá acesso à sala do Padeiro e da Padeira, depois o Asle corre até casa e conta aquilo que o Padeiro lhe disse, que se ele tinha encontrado o dinheiro então era dele, e ele, o Padeiro, não tinha dado três moedas

de uma coroa a ninguém, tanto quanto conseguia lembrar-se, e definitivamente não hoje, diz o Asle, e o Padeiro disse que se ele encontrou as moedas de uma coroa então elas pertenciam-lhe, ele foi pura e simplesmente um sortudo, disse o Padeiro, e a Mãe diz que afinal talvez seja assim e o Pai diz que o Padeiro tem razão sim, agora que pensa bem no assunto, então as moedas são do Asle, diz o Pai, e a Mãe pergunta-lhe se ele comprou um *skolebolle*, uma vez que agora ficou com o dinheiro, diz ela, e o Asle conta que o Padeiro lhe ofereceu o bolo, que era o último que tinha sobrado, e como ele tinha sido tão honesto ao querer devolver o dinheiro e como o Padeiro estava quase a encerrar a loja então este ofereceu-lhe o único *skolebolle* que sobrava, foi o que o Padeiro disse, diz o Asle, e a Mãe diz que foi um gesto simpático do Padeiro, mas o Asle nunca gostou de *skolebolle*, nem de bolos em geral, nem biscoitos ou coisas semelhantes, diz ela

Não, nunca gostou, diz o Pai

Pois não, diz a Mãe

e a Mãe sorri e o Pai diz que em contrapartida ela gosta, sim, ela gosta de *skolebolle*, se há alguém que gosta é ela, diz ele

E a Irmã, diz o Asle

Oh! sim, *skolebolle* é muito bom, diz a Irmã

e de repente o Asle repara que a Irmã já está ao lado da Mãe, ele nem deu por ela, pensa ele

Mas eu também não sou grande apreciador disso, diz o Pai

e a Mãe diz que então é melhor comerem o bolo enquanto ainda está fresco, não é verdade? diz ela, e o Pai assente com a cabeça e diz que não lhe apetece comer *skolebolle* e o Asle diz que a ele também não lhe apetece *skolebolle*, então a Mãe vai à cozinha e regressa com dois pires com meio bolo em cada um, estende um deles à Irmã que está sentada no sofá e a Mãe senta-se ao lado dela e ficam ali sentadas no sofá a comer *skolebolle* e o Asle está de pé a olhar para elas e a pensar o que se passa com o tal Careca? porque é que ele lhe pôs a mão na coxa? e tentou deslocar a mão mais para cima, e o Asle retirou-lha, pensa ele, e a Mãe ainda lhe chamou ladrão, e ladrão é que ele não é,

mas mentiroso sim, pensa ele, pois hoje mentiu à Mãe e ao Pai e ao Padeiro e ainda por cima recebeu um *skolebolle* do Padeiro por ser tão honesto, pensa o Asle, e pensa que quer ir lá fora

Acho que vou sair um pouco, diz o Asle

Mas não te vais afastar de casa, diz a Mãe

Pensei que talvez pudesse ir a casa do Per Olav, diz o Asle

Sim, parece que vão construir juntos um carrinho de rolamentos, diz o Pai

Foi o que tu contaste, diz ele

Pois foi, diz o Asle

Mas não venhas tarde, diz a Mãe

e então o Asle sai e pensa que foi uma maldade o Careca ter-lhe tocado na coxa, e isto apesar de ele lhe ter retirado a mão diversas vezes, sim, ou pelo menos duas vezes, pensa ele, mas não pode falar disto a ninguém, pois é penoso, embaraçoso, e se alguém vier a saber as coisas irão piorar ainda mais, portanto ele não pode contar isto a ninguém, em todo o caso a nenhum adulto, pois seria totalmente errado, pensa ele, agora é só um pouco errado e enfim também um pouco excitante de certo modo, isso também, ainda que não lhe tivesse agradado que o Careca lhe tocasse na coxa, pensa o Asle, e nunca mais vai aceitar boleia do Careca para nenhum passeio de carro, pelo menos isso é certo, e nunca irá entrar em casa dele, isso também é certo, pensa o Asle, aproximando-se da estrada e vê um tractor lá ao longe a vir na sua direcção, é um velho tractor que se desloca lentamente e cujo motor faz um ruído absolutamente incrível, e o Asle continua a andar, e bastante mais adiante o tractor aproxima-se dele mas devagar, e agora ele está prestes a atravessar a estrada municipal, a subir o caminho da quinta e a ir bater à porta da família do Per Olav e a perguntar se ele está em casa e se o Per Olav estiver em casa e disposto a isso então talvez possam começar a construir o tal carrinho de rolamentos que tinham pensado construir, ou qualquer coisa do género, pensa o Asle, atravessando a estrada, e Deus do céu que ruído faz lá ao longe o tal tractor que se vinha deslocando na sua direcção, uma

chiadeira horrorosa, pensa o Asle, enquanto sobe o caminho da quinta da família do Per Olav, ele bate à porta e o Per Olav vem abrir e o Asle diz olá e pergunta-lhe se podem estar juntos e o Per Olav diz logo que sim, com muito gosto, pois tem uma coisa para mostrar ao Asle, diz o Per Olav em surdina, enquanto calça uns sapatos e veste um blusão

Temos de ir para um lugar onde ninguém nos veja, diz ele
e o Asle assente com a cabeça

E podemos fazer uma coisa que nunca fizemos antes, diz ele

Talvez devamos ir para o Ancoradouro? diz o Asle

Para o vosso Ancoradouro? diz o Per Olav

Sim, diz o Asle

e o Per Olav diz que foi bem pensado e a seguir descem até Fjøra, a praia exposta pela baixa-mar, que fica na parte de baixo da estrada municipal, e avançam por Fjøra e chegam assim ao Ancoradouro, aí dirigem-se à parte de trás, pois a porta traseira ou, melhor dizendo, uma espécie de escotilha está apenas fechada por meio de um gancho ferrugento, o Asle abre a portinhola e o Per Olav entra e o Asle entra a seguir a ele e dentro do Ancoradouro está quase totalmente escuro, apesar de o Asle ter deixado a escotilha entreaberta, o Per Olav puxa de uma caixa de fósforos e acende um

Tens fósforos? diz o Asle

Sim, diz o Per Olav

E tenho mais coisas, diz ele

e a seguir o Per Olav puxa de um maço de cigarros

Onde foste arranjar isso? pergunta o Asle

Surripiei-o ao Avô, diz o Per Olav

Ele tem muitos guardados num armário lá na sala, diz ele

e o Per Olav acende mais um fósforo

Já fumaste alguma vez? diz ele

Não, diz o Asle

E tu? diz ele

Também não, diz o Per Olav

e entretanto o fósforo já ardeu todo e o Per Olav diz que agora vai abrir o maço de cigarros e depois vão acender cada um o seu cigarro, mas aquilo é forte e o Asle não deve puxar o fumo até ao estômago porque então vai vomitar, diz ele, houve uma pessoa que disse que tinha fumado e quando puxou o fumo até ao estômago vomitou logo a seguir, mas deve ter sido porque puxou todo o fumo até ao estômago, diz o Per Olav, e entretanto já os olhos deles se habituaram à escuridão dentro do Ancoradouro de modo que vêem satisfatoriamente e o Asle vê que o Per Olav abre o maço de cigarros e lhe estende um cigarro e em seguida o Per Olav mete também um cigarro na boca e diz ao Asle que inspire imediatamente quando ele chegar o fósforo ao cigarro e o Per Olav acende um fósforo e chega-o ao cigarro branco, Asle inspira e o cigarro acende-se e o Asle segura o cigarro diante de si entre o indicador e o dedo médio, olha para a ponta incandescente e vê o fumo a subir da incandescência e isso é bonito de ver, em seguida volta a colocar o cigarro entre os lábios, inspira e entra-lhe um pouco de fumo para a boca, ele expele o fumo e o cheiro que se espalha é bom

O fumo do cigarro cheira bem, diz o Asle

e inspira de novo, depois expele o fumo lentamente e vê-o dissipar-se na escuridão, tira uma nova fumaça e retém o fumo na boca por mais algum tempo antes de o expelir completamente, e o Asle apercebe-se de que gosta de fumar, portanto ele tornar-se-á um fumador, pensa o Asle, enquanto inspira de novo e puxa um pouco o fumo para a garganta e ouve o Per Olav começar a tossir

Não, isto é intragável, diz ele

e o Per Olav atira o cigarro para o chão de terra do Ancoradouro e esmaga-o com o pé

Eu fiquei logo com náuseas, diz ele

e o Asle puxa o fumo cada vez mais para a garganta e sente como que um formigueiro agradável por todo o corpo, é como se ficasse mais calmo e de algum modo se sentisse melhor, pensa ele

Gostaste disso, de fumar? diz o Per Olav

Gostei, diz o Asle

A sério? diz o Per Olav

Sim, diz o Asle

e diz que quando tiver idade suficiente para fazê-lo vai de certeza começar a fumar e o Per Olav diz que em todo o caso ele não irá fazê-lo, e depois diz que o Asle pode ficar com o maço de cigarros e a caixa de fósforos e o Asle pergunta-lhe se ele não os quer para si e o Per Olav diz que não, de modo nenhum e o Asle agradece e mete o maço de cigarros e a caixa de fósforos no bolso e pensa que o melhor lugar para esconder o maço de cigarros e a caixa de fósforos terá de ser ali no Ancoradouro, ali há algumas traves dispostas de viés por baixo do telhado, onde se encontram penduradas redes e segmentos de fio de rede, e algumas das redes estão tão apodrecidas que caem em pedaços mal se lhes toca e o Asle pensa que pode colocar o maço de cigarros e a caixa de fósforos em cima de uma dessas traves, uma em que esteja pendurada uma rede velha e apodrecida, pensa ele, e então trepa para cima de umas caixas de peixe e coloca o maço de cigarros e a caixa de fósforos em cima de uma trave

Acho que vou para casa, sinto-me um bocado maldisposto, diz o Per Olav

e o Asle assente com a cabeça, a seguir o Per Olav sai e o Asle sai também e pendura o gancho na escotilha e depois sobem a vereda e ao chegarem lá acima à estrada municipal despedem-se e depois o Per Olav afasta-se ao longo da estrada e o Asle atravessa-a e sobe o caminho da quinta até casa, entra no corredor, pendura o blusão e descalça os sapatos e a Mãe aproxima-se dele e diz que ele cheira a tabaco

Estiveste a fumar? diz ela

Achas que já tens idade para fumar? diz ela

Vira-te para mim e respira, diz ela

e o Asle respira na direcção dela e ela pergunta-lhe como é que ele arranjou cigarros? e quem é que lhe deu os cigarros? e ele responde simplesmente que lhos deu uma pessoa qualquer, e ela insiste em perguntar quem lhe deu os cigarros? e o Asle responde que isso

nunca ela irá saber, nem que o mate, diz ele, e depois vê a Mãe subir as escadas e eu estou aqui deitado na cama e não é que ouço o ruído de um motor e um som de raspadura? um silvo estridente? sim, lá ao longe ouço o ruído do motor de um tractor e ouço um limpa-neves a raspar e sinto frio mesmo aqui onde me encontro, deitado na cama debaixo do edredão, portanto só tenho de levantar-me, pôr-me em pé, penso eu, e levanto-me, acendo a luz do quarto e vejo a minha roupa amontoada sobre a cadeira e trato de vestir-me rapidamente, mas a roupa também está fria, depois entro no salão e acendo a luz e no salão faz frio igualmente e penso que devia ter acendido o fogão de sala em vez de ficar só ali de pé a olhar para coisa nenhuma, mas prefiro voltar para o quarto e ficar na cama um pouco mais, sim, tal como o *Brage* tem o bom senso de fazer, penso eu, pois deve ser de manhã bem cedo, penso eu, mas não quero saber que horas são, penso eu, Deus do céu que barulho faz o motor daquele tractor, penso eu, olhando para a pintura com as duas linhas que se cruzam, exposta no cavalete ali à minha frente, e vejo que assinei o quadro com um A maiúsculo no canto inferior direito e isso significa que considero a pintura como terminada, quer esteja de facto ou não, penso eu, olhando para as duas linhas que se cruzam, uma roxa e outra castanha e vejo o Asle ir a correr até à cave da sua casa, eles comeram almôndegas de batata com carne ao jantar e a Mãe pediu-lhe que fosse buscar uma garrafa de sumo e o Asle corre até à cave, saltitando de um pé para o outro, e entra na despensa dos víveres, onde há conservas de ameixa e maçã e pêra em boiões de vidro, e muitas garrafas de sumos, pois no Outono a Mãe costuma fazer xaropes de todas as bagas que eles têm na quinta, e ali também há uma tulha com batatas, e Asle pega numa garrafa de sumo e sai a correr, oh não, não, não consigo pensar nisso, penso eu, e de repente sinto a Ales ali mesmo ao meu lado e ela põe-me uma mão nas costas e deixa-se ficar ao meu lado e sabe tão bem sentir a mão dela pousada nas minhas costas, penso eu, depois vejo o Asle sentado dentro de um carro com um homem que segura uma toalha em volta do pulso dele, eles vão ao Médico e o

Asle está agitado e olha para as casas da quinta, para a Casa Nova e para a Casa Velha, e pensa que esta será a última vez que vê aquelas casas e tudo está envolto num clarão de luz, uma luz indefinida de que ele faz parte e que é muito maior do que ele, sim, é tudo o que existe, e a partir desta luz, que parece ser composta por minúsculos pontos de um amarelo bruxuleante, sim, que é como uma nuvem de partículas amarelas e desta nuvem de amarelo bruxuleante ele vê-se a si próprio sentado ali no carro com a mão ensanguentada, é que o Asle escorregou no gelo, partiu a garrafa de sumo e um pedaço de vidro perfurou-lhe a artéria na zona do pulso, e o Asle sente que está a perder as forças e está envolto naquela nuvem bruxuleante de partículas amarelas luminosas, brilhantes e transparentes e não tem medo, sente como que uma grande felicidade, uma grande paz, não, não há palavras para descrever o que ele sente e como sente, e como vê, pensa o Asle, e eu olho para a pintura ali à minha frente e a Ales afaga-me as costas para cima e para baixo e eu vejo o Asle sentado no carro com a mão ensanguentada e a Ales afaga-me as costas repetidamente e o toque da mão dela transmite-me uma sensação tão grande de bem-estar e segurança, penso eu, e vejo o Asle ali sentado com a mão ensanguentada e não quero pensar mais nisso, tenho simplesmente de deixá-lo ficar entre as minhas imagens tanto quanto posso, penso eu, e também na pintura com as duas linhas que se cruzam, penso eu, e então sinto que a Ales retira a mão e se ausenta e eu deixo-me ficar ali de pé a olhar para a pintura apesar de fazer frio no salão, pois eu devia ter acendido o fogão de sala, e vejo o Asle parado no pátio da casa a olhar para o Pai, que observa quase incredulamente um carro novinho em folha, de cor cinzenta, e tem a impressão de que o Pai mal se atreve a tocar no carro e muito menos a sentar-se lá dentro e a Mãe está presente e diz que é incrível que agora também já tenham o seu próprio carro, diz ela, sim, nem dá para acreditar, mas é verdade, diz ela, e o Pai diz que o carro ainda não é totalmente deles, o carro é propriedade do banco, diz ele, e a Mãe diz que, de qualquer forma, o carro é deles e o Pai responde pois sim e depois

diz olha, olha lá em baixo, na paragem do autocarro está o Careca, não são muitas as vezes que ele apanha o autocarro, isso acontece só quando ele vai a Bjørgvin alguma vez isolada, diz o Pai, e o Asle olha lá para baixo na direcção do Careca e faz tanto frio no salão que tenho de ir acender o fogão de sala, penso eu, mas o que me apetece mesmo fazer é ir deitar-me aconchegado debaixo do edredão junto do *Brage*, penso eu, e de facto até posso ir estender-me na cama um pouco mais e aquecer-me ligeiramente, porque não, penso eu, voltando a entrar no quarto e estendo-me na cama completamente vestido e o *Brage* está ali enroscado e chega-se para mim e eu aconchego bem o edredão à nossa volta e sinto que a Ales se deita junto de mim, de um lado está deitado o *Brage* e do outro está deitada a Ales, e ela é quente e protectora, e eu penso que foi muito bom regressar àquele calor debaixo do edredão em vez de ficar de pé no salão gelado, penso eu, e a Ales pergunta-me se estou bem e eu respondo que está tudo bem comigo, tudo está como dantes, como ela bem sabe, digo eu, e a Ales não diz nada e eu, simplesmente ali deitado, penso que devia ter apagado as luzes da sala e do quarto, mas deixá-las estar como estão, penso eu, e ouço a Ales dizer que nós os dois estamos sempre juntos e eu olho em frente e vejo o Asle com mais alguns jovens sentados dentro de um abrigo, ali está seco, apesar de chover lá fora, e o grupo compõe-se de três rapazes e três raparigas que subiram um pouco mais acima da estrada municipal, pois o abrigo não fica muito longe dali, depois meteram-se lá debaixo e têm entre eles uma vela de estearina e uma caixa de fósforos de reserva, acendem a vela de estearina, mas faz bastante frio por isso sentam-se muito perto uns dos outros e o Asle coloca o braço em volta da cintura da rapariga que está sentada mesmo ao seu lado e ela encosta-se a ele e põe-lhe a mão sobre a coxa, o Asle sente os lábios dela encostados à sua face e ela vai ao encontro da boca dele e beijam-se, ela entreabre a boca e ele entreabre a sua e os extremos das línguas tocam-se e as bocas deles como que se sugam uma à outra e o Asle sente o pénis endurecer e coloca a mão sobre um dos seios dela, que apesar de

«E vejo-me de pé a olhar para a pintura com as duas linhas, uma roxa e outra castanha, que se cruzam a meio e penso que a sala está muito fria e que é demasiado cedo para estar levantado, independentemente da hora que seja, então porque me levantei?»

Asle, um velho pintor viúvo e solitário, está a preparar a sua próxima exposição em Bjørgvín, como sempre acontece na época do Advento. Defronte da sua última tela, Asle embarca numa longa meditação sobre os seus tempos de infância e de juventude, marcados por uma mãe severa e um pai afável, pela descoberta do álcool e da vocação para a pintura, pelo primeiro encontro com um outro Asle, também ele pintor, seu *doppelgänger*, que o encoraja a candidatar-se à Escola de Belas-Artes, onde conhecerá Ales, por quem se apaixonará e mudará de vida.

Segundo volume de *Septologia*, uma das obras de ficção mais importantes da actual literatura escandinava, *O Eu É um Outro* é um romance sobre o amor, a arte, Deus, a passagem do tempo e a morte escrito na prosa encantatória e quase sagrada do originalíssimo e aclamado escritor norueguês Jon Fosse.

«A fusão que Fosse faz entre o trivial e o existencial, juntamente com as suas incursões dramáticas no passado, tornam-na uma obra de leitura insaciável: sente-se a enorme importância de *Septologia*.»

The Guardian

«Com *Septologia*, Jon Fosse leva o romance para outro patamar.»

Neue Zürcher Zeitung



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f cavaledeferro

📷 penguinlivros

ISBN 9789897870750



9 789897 870750 >